

Propriedades dos prefixos *A(d)-*, *EN-* e *ES-* na formação de verbos em português

Rui Abel Pereira

Faculdade de Letras – Universidade Católica Portuguesa

0. Objectivos

Nesta comunicação procuraremos avaliar e clarificar o contributo dos prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* na formação de verbos denominais e de adjectivais no português contemporâneo¹. Centraremos a atenção em três estruturas específicas, *A-X-AR*, *EN-X-AR* e *ES-X-AR*, em que *X* designa a base derivacional (radical nominal ou adjectival), procurando determinar a relevância morfo-fonológica e semântico-categorial dos referidos prefixos na configuração interna dos produtos derivacionais em que ocorrem. Num primeiro momento, avalia-se o estatuto morfolexical dos constituintes envolvidos na formação dos verbos com as estruturas em análise, para de seguida se analisar o tipo de condições/restrições que os prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* impõem sobre as bases que seleccionam.

1. Verbos de estrutura [pref-X-ar]

Os produtos genolexicais que pretendemos analisar são verbos em cuja estrutura interna se reconhece um prefixo (*a-*, *en-* ou *es-*), uma base/radical nominal ou adjectival, um constituinte temático/vogal temática (VT) *-a-*, que os inscreve num paradigma flexional (1ª Conjugação), e um morfema de infinitivo (*-r*)². Vejamos algumas das formações que são objecto da nossa análise:

Visualização simplificada da estrutura interna dos verbos	VERBOS DENOMINAIS OU DE ADJECTIVAIS
a-Xb-ar	<i>abotoar, acalorar, aclarar, adensar, avermelhar, alongar, aterrar, atapetar, agravar, assustar...</i>
en-Xb-ar	<i>embeleazar, encabeçar, encaixar, encerar, encabar, engarrafar, enlatar, enricar, engordar, entubar...</i>
es-Xb-ar	<i>esfriar, esquentar, esvaziar, esboroar, esburacar, esfarinhar, esfarelar, esventrar, esfarrapar...</i>

¹ Nesta comunicação, desenvolvem-se alguns dos resultados obtidos na investigação efectuada sobre a formação de verbos denominais/deadjectivais de estrutura *a-X-ar*, *en-X-ar* e *es-X-ar* em português (cf. PEREIRA (2000)).

² Por razões metodológicas faremos abstracção do domínio flexional.

Estes verbos apresentam uma aparente constituição trimembre, o que tem potenciado várias hipóteses de interpretação do seu modo de construção: (i) *parasíntese* (Cunha e Cintra (1984), Sandmann (1989), Serrano Dolader (1995), Basílio e Martins (1996)), (ii) *circunfixação* (Rio-Torto (1994)), (iii) *sufixação seguida de prefixação* (Scalise (1984), Alcoba Rueda (1987), Grácia i Solé (1995), Corbin (1997)), (iv) *conversão, precedida ou seguida de adjunção do prefixo* (Villalva (1995; 1998), Zwanenburg (1998)), e (v) *prefixação com poderes heterocategoriais* (Williams (1981), Cabré i Castellví (1988), Lieber (1992), Grossmann (1994))³. Qualquer das hipóteses propostas está claramente dependente do modelo de análise seguido e em particular do valor atribuído aos constituintes prefixal e temático em contexto derivacional. Importa, portanto, antes de tudo, esclarecer (i) se a Vogal Temática (VT) é ou não um sufixo derivacional, e (ii) se os prefixos *a-*, *en-*, *es-* envolvidos na produção de verbos como *aclarar*, *enlatar* e *esboroar* têm ou não poderes de (trans)categorização de bases nominais/adjectivais em verbos. A determinação da natureza e do papel destes constituintes é fundamental para a caracterização do(s) processo(s) genolexical(is) responsável(is) pela produção destes verbos.

1.1. Estatuto da Vogal Temática

A Vogal Temática (VT) é um constituinte consubstancial a todas as formas verbais regulares, tendo como principal função conformar o *tema* do verbo⁴, integrando-o num paradigma conjugacional. Não estando em causa o estatuto não flexional da VT, importa saber qual é a sua função em contexto derivacional. É o constituinte temático o responsável pela (trans)categorização da base em verbo, ou a sua emergência é uma consequência desse processo? Por outras palavras, deve a vogal temática ser ou não considerada parte da estrutura derivante do novo produto formado? O produto resultante é um tema ou um radical verbal? São duas as respostas que, a este respeito, têm sido aduzidas: (i) a VT é um operador derivacional com poderes de categorização, sendo por isso um verdadeiro sufixo verbalizador; (ii) a VT não é um sufixo derivacional, mas apenas um «constituinte/ actualizador temático» ou «integrador paradigmático», pelo que o acréscimo de *-a-* (ou *-e-*, quando precedido de *-ec-* ou *-esc-*) é uma mera consequência do facto de os verbos terem vogal temática em português.

O facto de o constituinte temático integrar necessariamente cada novo produto verbal, inserindo-o num paradigma conjugacional, e de frequentemente se encontrar

³ Para uma análise detalhada destas hipóteses vejam-se, entre outros, RIO-TORTO (1998: 300-315) e PEREIRA (2000: 20-43).

⁴ É esta a posição defendida, entre outros, por Herculano de CARVALHO (1984: 538): «Poderá depois, provavelmente, encarar-se como actualizador temático o morfema conhecido como vogal temática *-a-* em *louv-a-r*, *louv-a-mos*, etc. *-e-* e *-i-* em *receb-e-r*, *receb-e-mos*, *receb-i-mento*, etc. a qual se junta ao tema, precedendo um sufixo gramatical ou derivativo iniciado por fonema pré-silábico, possibilitando o funcionamento imediato desse segmento significativo na sua mesma qualidade de tema».

na base de novos produtos deverbais (cf. [[delimita]_{TV} ção]_N, [[contenta]_{TV} mento]_N, [[filtra]_{TV} gem]_N, [[emociona]_{TV} nte]_{Adj}, etc.) é o argumento que normalmente é apontado em favor da concepção da VT como operador derivacional⁵. Segundo esta interpretação, a forma lexical do produto verbal resultante do processo derivativo é um tema verbal, que posteriormente pode funcionar como base de novas formações lexicais. Refira-se, no entanto, que nem todos os produtos deverbais têm como base um tema verbal; por vezes é o radical que funciona como base de novos produtos (cf. *aldrab-ão*, *respond-ão*, *fuj-ão*, *salt-it-ar*, *mord-isc-ar*, *culp-inh-ar*).

Embora se trate de um constituinte sinalizador de informação categorial relevante, isso não implica que a VT tenha um papel activo no processo derivacional. Como alternativa, poder-se-á propor, tal como faz Rio-Torto, que «a emergência da VT pode dever-se à transfiguração que a base sofre ao recategorizar-se como verbo, inscrevendo-se, assim, no processo gramatical de formatação morfológica do novo produto. Neste caso a VT consubstanciaria uma das manifestações incontornáveis da reconfiguração de Xb em V, desenhando-se portanto como um fenómeno dominantemente morfológico, gramatical, e não genolexical»⁶. A consideração da VT como formador morfológico da base, primitiva ou derivada, implica que se considere a sua activação em contexto flexional ou derivacional exógena ao processo de categorização verbal⁷. Existem, aliás, alguns dados de natureza morfológica que apontam em favor desta concepção:

(i) na adaptação de empréstimos à estrutura do português, os itens lexicais de categoria Verbo são, ainda assim, formatados morfológicamente com uma VT (normalmente -a-) (cf. *checar*, *clonar*, *clicar*, *flirtar*, *snifar*, *sprintar*, *stressar*, *computorizar*)⁸;

(ii) na formação de verbos deverbais (cf. *com-e-r* → *com-isc-a-r*; *dorm-i-r* → *dorm-it-a-r*, *culp-i-r* → *culp-inh-ar*), apesar da base estar morfológicamente especificada por uma VT, o sufixo derivacional activado (-it-, -isc-, -inh-) determina a atribuição de uma outra VT ao produto genolexical;

(iii) cada um dos sufixos verbalizadores co-ocorre invariavelmente com uma VT determinada (-iz-, -ific-, -e-, -ej- são seguidos de -a-, enquanto -ec- e -esc- apenas admitem à sua direita -e-), sendo de prever que a especificação desta é da responsabilidade daqueles.

Se nos casos de que nos ocupamos aqui considerarmos a VT um sufixo derivacional, como a consideraremos na presença de outros operadores afixais do tipo -

⁵ Cf. BASÍLIO e MARTINS (1996: 373-374).

⁶ RIO-TORTO (1998: 318).

⁷ Segundo Mattoso Câmara (1979: 215), «Na palavra derivada é o sufixo, completado pela sua vogal de tema, que sofre a flexão nominal ou verbal.»

⁸ Em alguns casos, para além da adaptação morfológica, existe também adaptação ortográfica. Sobre a adaptação dos empréstimos linguísticos vejam-se, entre outros, CORREIA (1998: 71-73) e GÓMEZ CAPUZ (1998: 241-242).

-iz-a(r), *-ej-a(r)*, *-e-a(r)* e *-ec-e(r)*? Admitindo que se trata de um verdadeiro sufixo derivacional, teríamos de considerar para estes casos uma dupla sufixação, ou seja, duas operações derivacionais consecutivas, ou então um tratamento não uniforme da mesma entidade morfológica, como operador derivacional, constituinte temático e/ou integrador paradigmático, conforme o co(n)texto.

Em suma, estes dados levam-nos a supor que a VT não integra o produto derivacionalmente construído, mas é-lhe associada posteriormente no processo de formação temática, pelo que o produto resultante do processo genolexical terá a configuração não de um tema, mas de um RADICAL verbal. Se nos verbos em que estão presentes operadores derivacionais como *-iz-*, *-ific-*, *-e-*, *-ej-*, *-ec-* ou *-esc-* nos podemos dispensar de atribuir à VT uma função derivacional, porque é que isso não acontece também quando estes estão ausentes? Uma formulação desse tipo permitir-nos-ia tratar de modo uniforme o constituinte temático, independentemente do(s) processo(s) genolexical(is) envolvidos na produção dos verbos.

1.2. Poder categorial dos prefixos *A(d)-*, *EN-*, *ES-*

Os prefixos *a-*, *en-*, *es-* envolvidos na produção de verbos como *aclarar*, *enlatar* e *esboroar* ora são considerados (i) operadores isocategoriais que só se acoplam a bases verbais, ora (ii) afixos com poderes de (trans)categorização de bases nominais/adjectivais em verbos. Segundo Scalise (1984: 203) e Corbin (1997: §3.1.4.1.), os prefixos presentes nos produtos verbais não seleccionam como base adjectivos ou nomes, mas verbos, pelo que têm o estatuto de operadores isocategoriais⁹. Assim, transpondo para o português a hipótese de Scalise e de Corbin, verbos como *aclarar*, *enlatar*, *esboroar*, etc. seriam formados em duas etapas: numa primeira etapa, através da sufixação da VT *-a-*, cria-se um verbo inexistente mas possível (por exemplo, **clarar*), e só numa segunda etapa se lhe acopla o prefixo, dando origem ao verbo *aclarar*. Todavia, será necessário advogar a existência de verbos possíveis, mas não atestados, para explicar a formação destes verbos? Será que verbos como *enfarinhar* e *esfarinhar* apresentam uma mesma fase intermédia não atestada **farinhar*? A existência de grupos de verbos como *vermelhar*, *avermelhar* e *envermelhar* levantaria outras questões: os dois últimos serão explicados a partir do primeiro ou de um seu homólogo não atestado? Sem pôr em causa a existência de palavras não necessariamente atestadas, parece-nos que neste caso tal artifício formal, para além de desnecessário, sobrecarregaria a gramática da formação de palavras.

⁹ Também Gràcia i Solé considera que os prefixos *a-* e *en-* se juntam a radicais verbais e não a categorias [+N] (*negra* – **ennegra*; *pila* – **apila*), de onde deduz que esses verbos são formados em duas etapas: primeiro um sufixo zero converte um radical [+N] em verbo e só depois se junta o prefixo à base verbal. Como proposta alternativa, admite a hipótese da recategorização, o processo pelo qual o radical muda de categoria sem a adição de um sufixo, evitando-se, deste modo, o recurso ao afixo zero (cf. GRÀCIA I SOLÉ (1995: 68-69)).

Aqueles que negam aos prefixos qualquer poder categorial apoiam-se frequentemente no princípio da *Rightand Head Rule* (RHR), que postula que o núcleo de uma palavra complexa, isto é, o elemento responsável pela informação categorial da palavra, é o elemento situado mais à direita¹⁰. Note-se, porém, que o postulado da RHR, longe de ser universal, se tem mostrado bastante falível. Foram já estudados em várias línguas (incluindo o português) alguns produtos verbais em que o núcleo é o prefixo, ou seja, o constituinte situado à esquerda da base¹¹. Saliente-se aliás que Williams (1981), após ter enunciado aquele princípio, admite a existência, em inglês, de formas derivadas por prefixação ([{en}[noble]_{Adj}]V) que apresentam uma estrutura em que o núcleo é o prefixo verbal *en-*. Esta mesma posição é adoptada por Adouani (1995: 8), que considera que, em verbos do francês como *écrémer, écrêter, empocher, enterrer, encaisser, emprisonner*, «le préfixe à pouvoir catégoriel (qui doit être considéré ici comme l'élément tête puisqu'il détermine la catégorie du dérivé ainsi que ses autres traits morphosyntaxiques) assigne à sa base le rôle d'argument interne [...]».

Estas análises parecem indicar que, em várias línguas, a prefixação com poderes heterocategoriais é particularmente produtiva na formação de verbos. Em certas condições – sempre que não ocorram constituintes sufixais à direita da base –, os prefixos podem assumir a função de (trans)categorização da base a que se juntam. No caso das formações em análise, defendemos, portanto, que a alteração categorial é da responsabilidade dos prefixos *a-*, *en-* e *es-*. Esta posição assenta em alguns argumentos fundamentais:

(i) não ocorrem, à direita da base, operadores sufixais que assegurem a alteração categorial;

(ii) a vogal temática não é um afixo derivacional, pelo que não é ela a responsável pela alteração categorial das bases nominais/adjectivais em verbo;

(iii) na maior parte dos casos não está atestada uma forma não prefixada (por ex. *clarar, *curtar, *vaziar) que sirva de base às formações prefixadas (*aclarar, encurtar, esvaziar*);

(iv) a semântica manifestada pelos verbos derivados deixa transparecer uma relação semântico-categorial com uma base nominal ou adjectival e não com alguma forma homóloga não prefixada existente ou possível (cf. *aclarar*: 'tornar claro'; *engarrifar*: 'pôr em garrafa'; *esladroar*: 'tirar/extrair os ladrões')¹².

A coexistência de produtos derivacionais prefixados e não prefixados com uma semântica semelhante (cf. *aparafusar/parafusar, emoldurar/moldurar, caracolar encaracolar, esfarrapar/farrapar*) tem sido apontada como um contra-

¹⁰ Esta é por exemplo a opinião de SCALISE (1988: 229-245), para quem «prefixes do not change the category of their base».

¹¹ Cf. LIEBER (1992: 57-76), VILLALVA (2000: 58-79).

¹² Sobre a semântica destes verbos, veja-se PEREIRA (2000: 90-100).

-argumento à hipótese que formulámos e um argumento em favor do carácter isocategorial dos prefixos em análise¹³. No entanto, refira-se que, embora coexistam formas prefixadas e não prefixadas sobre uma mesma base nominal/adjectival, isso não implica que as formas não prefixadas sejam as bases derivantes donde se formaram os produtos prefixados. Em primeiro lugar, o facto de possuírem significados semelhantes não implica que eles sejam totalmente sinónimos e/ou tenham o mesmo grau de aceitabilidade e de vitalidade. Frequentemente, os produtos prefixados apresentam semânticas particulares e usos pragmático-enunciativos que os distinguem dos não prefixados (cf. *planar/aplanar*, *segurar/assegurar*, *testar/atestar*, *fixar/afixar*, *forçar/esforçar*) ou dos prefixados com operadores diferentes (cf. *avinagrar/evinagrar*, *enterrar/aterrear*, *enfarinhar/esfarinhar*). Por outro lado, nada impede que num mesmo paradigma genolexical possam actuar diversas operações morfológicas e ao serviço duma mesma operação morfológica possam actuar diversos afixos. Como nota Corbin (2000: § 3.4.), processos e operadores morfológicos podem seleccionar no sentido da sua base (ainda que seja a mesma) diferentes tipos de propriedades semânticas. Por exemplo, em verbos como *avinagrar/evinagrar*, *acapoeirar/encapoeirar*, *agarrafar/engarrafar*, os prefixos *a-* e *en-* seleccionam nas bases diferentes traços semânticos. Em *agarrafar*, *acapoeirar* e *avinagrar*, as bases representam apenas a(s) característica(s) típica(s) e definitiva(s) dos objectos que denotam, e que pode(m) ser atribuída(s) a/ adquirida(s) por outra entidade; por sua vez, em *evinagrar*, *encapoeirar* e *engarrafar*, as bases são entendidas dentro da dicotomia 'continente'/'conteúdo', representando ora o 'objecto deslocado', ora o 'lugar/recipiente' onde algo é colocado.

Em suma, na ausência de operadores sufixais que assegurem a verbalização, assumimos que os prefixos sob escopo têm a capacidade de transformar bases nominais e adjectivais em verbos. Ainda que se aceite que a VT sinaliza a categoria [+V] do produto formado, deixa de ser ela a funcionar como activador da mudança categorial da base, sendo essa função desempenhada, nos verbos em análise, pelo constituinte prefixal. Através da prefixação de *a-*, *en-* e *es-* a bases nominais e adjectivais forma-se um novo radical verbal, que é formatado morfológicamente com uma informação temática que o insere num paradigma conjugacional. Embora esta formatação possa ser entendida como concomitante e/ou simultânea do processo de verbalização, é-lhe logicamente posterior e da responsabilidade de outra componente da gramática, a morfologia. Os novos produtos formados terão assim uma configuração do tipo [pref [X]_{N/Adj}]_V, como a seguir se exemplifica: [*a* [*larg*]_{Adj}]_V, [*en* [*garraf*]_N]_V, [*es* [*farinh*]_N]_V.

¹³ Cf. VILLALVA (1995: 587-590).

2. Restrições de selecção das bases

Para além do acréscimo fonológico que a adjunção prefixal impõe, os prefixos em análise manifestam ainda outras propriedades que se reflectem na morfologia interna dos verbos derivados. A instanciação da prefixação com *a-*, *en-* e *es-* está sujeita a restrições de vária ordem – fonológicas, morfológicas, sintáctico-categoriais e semântico-referenciais – que afectam os itens lexicais susceptíveis de funcionar como base derivacional.

2.1. Restrições morfo-fonológicas

A ocorrência destes prefixos é desde logo restringida pela estrutura morfo-fonológica da base, de tal modo que podemos predizer que, no português contemporâneo, apenas as bases iniciadas por consoante admitem estes tipos de prefixação. Pelo contrário, os prefixos em análise não se acoplam (i) a bases iniciadas por segmento vocálico (cf. **adazular*, **enazular*, **esazular*, **adabadar*, **enabadar*, **esabadar*), (ii) a bases já prefixadas (cf. **ainvulgarar*, **eninaptar*, **esinjustar*), e (iii) a bases já sufixadas em *-al*, *-ar*, *-vel*, *-dor*, *-ic-* (cf. **anacionalar*, **enacionalar*, **esnacionalar*)¹⁴.

2.2. Restrições sintáctico-categoriais

Ao nível sintáctico, embora existam alguns casos isolados/marginais de verbos formados a partir de bases pronominais, adverbiais ou onomatopaicas (cf. *atuar*, *envosar*, *acercar*, *açular*, *enxotar*), a maioria dos verbos formados por meio dos prefixos *a-*, *en-* e *es-* tem como base de derivação o radical de um substantivo ou um adjectivo perfeitamente identificáveis (cf. *a-clar-ar*; *en-curt-ar*, *es-fri-ar*, *a-terr-ar*, *en-lat-ar*, *es-farel-ar*). Em português, ao contrário do que se passa em latim, os prefixos em análise não se acoplam a bases de categoria Verbo.

2.3. Restrições semântico-referenciais

Ao nível semântico, salientam-se em particular as restrições impostas pelos prefixos *a-*, *en-* e *es-* às bases adjectivais a que se juntam. Apenas os adjectivos que descrevem propriedades ocasionais (*stage-level adjectives*), i.e., adjectivos que descrevem propriedades de entidades que podem ser mudadas por uma causa, como as suas características físicas, a cor ou a temperatura (cf. *acastanhar*, *aclarar*, *emporcar*, *esvaziar*, *esquentar*), podem funcionar como base derivacional destes verbos. Pelo contrário, a possibilidade de formação verbal está vedada a *adjectivos relacio-*

¹⁴ Estas bases são seleccionadas preferencialmente pelos sufixos verbalizadores *-iz-* e *-ific-* (cf. *nacionalizar*, *regularizar*, *contabilizar*, *computadorizar*, *aromatizar*, *electrificar*, *identificar*, *rustificar*).

nais (**aministerialar*, **empopularar*, **esnacionalar*) e a adjetivos que designam propriedades essenciais (*individual-level adjectives*), tipicamente não adquiríveis como um resultado de uma causa¹⁵.

Conclusão

Embora os prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* pareçam, em alguns casos, ser opcionais, o seu uso não é irrelevante, nem a sua activação indiscriminada, desempenhando um duplo papel na construção do verbo derivado: (i) de material formal utilizado pela regra de formação de palavras e (ii) de formatador dos produtos genolexicais. Possuidores de propriedades funcionais próprias, estes prefixos influem decisivamente na composicionalidade dos produtos genolexicais em que ocorrem, sendo a presença/ausência do operador prefixal (cf. *planar/aplanar*, *segurar/assegurar*, *testar/atestar*, *fixar/afixar*, *forçar/esforçar*) ou a sua alternância (cf. *enterrar/aterrar*, *enfarinhar/esfarinhar*, *avinagrar/envinagrar*) um factor determinante para a distinção entre produtos derivacionais, não apenas a nível morfológico, mas também a nível semântico-referencial, pragmático, sintáctico e aspectual. Embora, por motivos de espaço, tenhamos feito referência apenas às propriedades dos prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* na configuração da estrutura interna dos verbos em análise, refira-se que o valor dos operadores prefixais ultrapassa o domínio estritamente lexical, afectando e/ou determinando o comportamento sintáctico e aspectual dos produtos derivacionais e dos enunciados em que estes ocorrem¹⁶. Os verbos derivados por prefixação heterocategorial são preferencialmente verbos **transitivos** e **télicos**, ao contrário dos não prefixados (cf. *aplanar* vs *planar*). Mas isso ficará para uma nova ocasião.

Bibliografia

- ADOUANI, Abdellatif (1995) – La morphologie est-elle la syntaxe des mots? In: *Linguisticae Investigationes XIX:1*, p. 1-13.
- ALCOBA RUEDA, Santiago (1987) – Los parasintéticos: constituyentes y estructura léxica. In: *Revista Española de Lingüística*, año 17. Fasc. 2, p. 245-267.
- BASÍLIO, Margarida e Helena MARTINS (1996) – Verbos denominais no português falado. In: INGEDORE G. VILLAÇA KOCK (org.), *Gramática do Português Falado*, Vol. VI: Desenvolvimentos, Campinas, Editora da Unicamp/ Fapesp, p. 371-391.
- BOOIJ, Geert & Ton van HAAFTEN (1988) – La syntaxe externe des mots dérivés. In: *Lexique 7*, Presses Universitaires de Lille, p. 101-120.

¹⁵ Cf. LEVIN & RAPPAPORT HOVAV (1994: 51). Sobre a distinção entre adjetivos *stage-level* e *individual-level*, veja-se PUSTEJOVSKY (1998: 15; 20-23).

¹⁶ BOOIJ e VAN HAAFTEN (1988: 101-120) referem-se a este domínio de investigação como «la syntaxe externe des mots dérivés». Sobre o papel dos prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* na configuração semântica, sintáctica/argumental e aspectual dos produtos derivacionais em que ocorrem, ver PEREIRA (2000: 89-125).

- CABRÉ I CASTELLVÍ, M. Teresa (1988) – La prefixació en català. In: JOHN J. STACZEK (ed.), *On spanish, portuguese, and catalan linguistics*, Washington, D.C., Georgetown University Press, p. 47-62.
- CAMARA JR., J. Mattoso (1979) – História e estrutura da língua portuguesa. 3ª ed., Rio de Janeiro, Padrão.
- CARVALHO, José G. Herculano de (1984) – Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas. Tomo I e II, 4ª reimp., Coimbra, Coimbra Editora.
- CORBIN, Danielle (2000) – French (Indo-European: Romance). In: G. BOOIJ, C. LEHMANN & J. MUGDAN (Eds.), *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin, Walter de Gruyter, (en publication).
- CORBIN, Danielle (1997) – La représentation d'une "famille" de mots dans le "Dictionnaire dérivationnel du français" et ses corrélats théoriques, méthodologiques et descriptifs. In: *Cahiers de Linguistique de Vincennes* 26, p. 5-37.
- CORREIA, Margarita (1998) – Neologia e terminologia. In: MARIA HELENA MATEUS, MARGARITA CORREIA (Coord.), *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Mem Martins, Publicações Europa-América, p. 59-74.
- CUNHA, Celso e Luís F. Lindley CINTRA (1994) – Nova gramática do português contemporâneo. 10ª edição, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- GÓMEZ CAPUZ, Juan (1998) – El préstamo lingüístico: conceptos, problemas y métodos. Cuadernos de filología, anejo XXIX. València, Facultat de Filologia, Universitat de València.
- GRÀCIA I SOLÉ, Lluïsa (1995) – Morfologia lèxica. L'herència de l'estructura argumental. València, Universitat de València.
- GROSSMANN, Maria (1994) – Opposizioni direzionali e prefissazione: analisi morfologica e semantica dei egressivi prefissati con des- e es- in catalano. Padova, Unipress.
- LEVIN, Beth and Malka RAPPAPORT HOVAV (1994) – A preliminary analysis of causative verbs in english. In: *Lingua* 92, North-Holland, p. 35-77.
- LIEBER, Rochelle (1992) – *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- PEREIRA, Rui Abel Rodrigues (2000) – Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra, (não publicada).
- PUSTEJOVSKY, James (1998) – *The generative lexicon*. Cambridge, Massachusetts / London, England, The MIT Press.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1994) – Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?. In: *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 1993). Lisboa, Edições Colibri, p. 351-362.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998) – Padrões de formação de verbos em português. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, XXII, p. 293-327.
- SANDMANN, Antônio José (1989) – Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba, Scientia et Labor, Editora da UFPR – Ícone Editora.
- SCALISE, Sergio (1984) – *Morfologia Lessicale*. Padova, CLESP Editrice.

- SCALISE, Sergio (1988) – The notion of ‘head’ in morphology. In: GEERT BOOIJ & JAAP VAN MARLE (eds.), *Yearbook of morphology*. Dordrecht – Hoiland / Providence RI – U.S.A., Foris Publications, p. 229-245.
- SERRANO DOLADER, David (1995) – *Las formaciones parasintéticas en español*, Madrid, Arco Libros.
- VILLALVA, Alina (1995) – Configurações não-binárias em morfologia. In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (1994), Lisboa, Colibri, p. 583-597.
- VILLALVA, Alina (2000) – *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- VILLALVA, Alina (1998) – Identidade das estruturas morfológicas. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 1995), Sezione 2: *Morfologia e sintassi delle lingue romanze*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p. 861-866.
- WILLIAMS, E. (1981) – On the notions “lexically related” and “head of a word”. In: *Linguistic Inquiry* 12, p. 245-274.
- ZWANENBURG, Wiecher (1998) – La distribution des catégories lexicales en morphologie française. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 1995). Sezione 2: *Morfologia e sintassi delle lingue romanze*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p. 867-874.